



Extensio
UFSC

Revista Eletrônica
de Extensão

COMUNIDADE DE PRÁTICA COMO ESTRATÉGIA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Francine Lopes Pinhão

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
francinepinhao@gmail.com

Aline Rodrigues Pinto

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
arodriguesp95@gmail.com

Gabriela Silva Trindade

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
trindade.biologia@gmail.com

Janete Nazareth Guilherme

Universidade Federal Fluminense
janete.nazareth47@gmail.com

Amanda Lima de Almeida

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
amandalimaffp@gmail.com

Resumo

O relato de experiência apresenta um conjunto de ações desenvolvidas no contexto de uma comunidade de prática constituída por professores de ciências e biologia, educadoras populares, pesquisadores e licenciando em ciências e biologia. Desta forma, o objetivo deste relato é compartilhar o uso da metodologia de comunidade de prática associada ao conceito de diálogo freireano, avaliando e discutindo suas possibilidades e limites em um contexto de vulnerabilidade social. Conclui-se que a metodologia adotada ressignifica a ideia de extensão; articula extensão e pesquisa sem que a primeira seja mero contexto; cria espaço de formação inicial e continuada ancorado na realidade. Por outro lado, impõe prazos mais longos para a realização do trabalho e demanda o reconhecimento e negociação a partir dos sistemas de opressão vigentes no território.

Palavras-chave: Comunidade de Prática. Ensino. Extensão Comunitária. Disciplinas das Ciências Naturais.

COMMUNITY OF PRACTICE AS A UNIVERSITY EXTENSION STRATEGY

Abstract

The experience report presents a set of actions developed in the context of a community of practice including science and biology teachers, popular educators, researchers, and undergraduate students in science and biology. In this way, the goal of this report is to share the use of the community of practice methodology associated with Freire's concept of dialogue, evaluating and discussing its possibilities and limits in a context of social vulnerability. It was concluded that the adopted methodology reframes the idea of extension; articulates extension and research without the former being mere context; and creates a space for initial and continued training linked to reality. On the other hand, it imposes longer deadlines for carrying out the work and demands recognition and negotiation based on the oppression systems in force at the territory.

Keywords: Community of Practice. Teaching. Community Outreach. Natural Science Disciplines.

COMUNIDAD DE PRÁCTICA COMO ESTRATEGIA DE EXTENSIÓN UNIVERSITARIA

Resumen

El relato de experiencia presenta un conjunto de acciones desarrolladas en el contexto de una comunidad de práctica conformada por profesores de ciencias y biología, educadores populares, investigadores y estudiantes de pregrado en ciencias y biología. El objetivo es compartir el uso de la metodología de comunidad de práctica asociada al concepto de diálogo de Freire, evaluando y discutiendo sus posibilidades y límites en un contexto de vulnerabilidad social. Se concluye que la metodología adoptada replantea la idea de extensión; articula extensión e investigación sin que la primera sea mero contexto; crea un espacio de formación inicial y continúa anclado en la realidad. Por otro lado, impone mayores plazos para la realización de los trabajos y exige el reconocimiento y la negociación con base en los sistemas de opresión vigentes en el territorio.

Palabras clave: Comunidad de Práctica. Enseñanza. Extensión a la Comunidad. Disciplinas de las Ciencias Naturales.



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).

Extensio: R. Eletr. de Extensão, ISSN 1807-0221 Florianópolis, v. 21, n. 49, p. 75-88, 2024.

INTRODUÇÃO

No texto a seguir relatamos a construção e o desenvolvimento de uma comunidade de prática constituída por professores universitários da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ) e da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), estudantes de graduação da FFP/UERJ e de mestrado da FFP/UERJ e da UNIRIO e educadoras populares do Coletivo Mulheres do Salgueiro (MS). Esta comunidade está inserida em um Projeto de extensão cujo objetivo geral é articular a produção de conhecimento a partir da relação com diferentes instituições e sujeitos presentes no município de São Gonçalo, situado no estado do Rio de Janeiro.

É importante esclarecer que o município de São Gonçalo, situado no leste metropolitano do Rio de Janeiro, é um território de ampla produção e disseminação de conhecimentos, mas também apresenta urbanização precária e zonas de atuação ostensiva da força policial. Segundo o Censo de 2022 (IBGE, 2023), São Gonçalo é o segundo município mais populoso do estado, com 896.744 habitantes. No entanto, possui o sexto menor valor de PIB per capita dentre os 92 municípios do estado. Apesar de apresentar um dos maiores índices populacionais do Rio de Janeiro e ser considerado como totalmente urbano, cresceu com problemas em sua infraestrutura, causados por uma urbanização desordenada e sem planejamento, acumulando diversos problemas socioambientais que atingem mais diretamente a população das favelas do município. Adicionalmente, a população de São Gonçalo apresentava, em 2021, salário médio mensal de 2 salários-mínimos e um total de 10,4% de pessoas ocupadas em relação ao total da população (IBGE, 2021). Na comparação com o total de 92 municípios do estado, ocupava as posições 41 em relação à renda mensal e 87 em relação ao percentual de pessoas ocupadas. Por fim, o índice de desenvolvimento da educação básica do município apresenta números preocupantes, pois ocupam a posição 62 (anos iniciais do ensino fundamental) e 72 (anos finais do ensino fundamental) quando ranqueado entre os 92 municípios do estado.

A extensão universitária neste contexto é de fundamental importância e possibilita construir no território espaços de educação e produção de conhecimento para o enfrentamento dos problemas apresentados. Nesse sentido, compreendemos que a extensão deve ser pensada a partir dos pressupostos de Paulo Freire, em especial, aqueles descritos no Livro “Extensão ou Comunicação?”, no qual o autor nos convida a reinventar o termo. Freire (1985) apresenta diferentes sentidos para a palavra extensão e identifica em todos eles o objetivo de levar ao mundo o seu mundo. Assim, nos permite compreender que sua semântica carrega a noção de colonização ao negar em sua origem o processo educativo e reforçar a substituição do

Comunidade de prática como estratégia de extensão universitária

conhecimento de um grupo pelo conhecimento técnico. Nesse sentido, reconhecemos que atividades de extensão nos colocam como desafio equacionar os interesses e os conhecimentos de sujeitos situados em práticas sociais distintas, uma vez que não cabe à universidade “transmitir”, “persuadir”, “entregar” “invadir”, mas construir conhecimento por meio do diálogo (Freire, 1985).

Diante do exposto, consideramos a comunidade de prática (Wenger,1998) um modelo de interação e formação privilegiado para a produção de conhecimento a partir de renegociação e ressignificação sobre modos de agir, dizer e ser. Essa proposta se articula com os pressupostos freireanos, uma vez que desloca o processo de aprendizagem do aspecto exclusivamente cognitivo para a relação estabelecida por pessoas em uma prática social específica. Tal modelo, chamado de comunidade de prática, é definido a partir de três dimensões: (i) o compromisso mútuo, a prática não existe no abstrato, portanto depende de indivíduos comprometidos com determinadas ações ou ideias comuns; (ii) a constante negociação entre os membros, recriando responsabilidade mútua; (iii) um repertório compartilhado - rotinas, palavras, instrumentos, modos de fazer, histórias, gestos, símbolos, gêneros, ações ou conceitos que a comunidade produziu ou adotou no decorrer da sua existência (Wenger, 1998).

Abaixo, no quadro 1, apresentamos um quadro geral das diferentes comunidades de prática que estamos construindo no município de São Gonçalo, desde o ano de 2019, especialmente a partir de diálogos e parcerias desenvolvidas no contexto da disciplina de estágio supervisionado, destinado às práticas no ensino médio, e da disciplina de laboratório de ensino I, cujos temas são sexualidade, meio ambiente e saúde.

Quadro 1 – Níveis de consolidação das comunidades de prática, temas levantados e atividades realizadas

Comunidade de prática	Temas	Momento
Comunidade 1	Mídias sociais Juventude Sustentabilidade	Consolidada ● reuniões periódicas ● planejamento ● execução
Comunidade 2	Território Horta Juventude	Em andamento ● reuniões esporádicas, seguindo o tempo da escola ● planejamento parcial ● execução parcial

Fonte: elaborado pelas autoras.

Comunidade de prática como estratégia de extensão universitária

Considerando que as dinâmicas das comunidades de prática são contextuais e a comunidade 1 está consolidada, optamos por apresentar e discutir as ações e seus resultados a partir desta comunidade específica. Dito isso, torna-se importante fazer uma breve apresentação das diferentes instituições e seus integrantes a fim de comunicar mais dados do contexto.

MATERIAIS E MÉTODOS

A Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ), situada no município de São Gonçalo (RJ), desempenha um importante papel na formação inicial e continuada de professores na região. Vale dizer que este é o único campus de universidade pública presencial do município, oferecendo sete cursos de graduação, três cursos de pós-graduação lato-sensu, oito programas de mestrado (5 acadêmicos e 3 profissionais) e dois programas de doutorado. Por consequência, a presença da universidade no município torna-se estratégica para a produção e disseminação de conhecimento para a região no leste fluminense do estado. Os integrantes desta instituição são: duas professoras universitárias, quatro estudantes de licenciatura em biologia e uma estudante de mestrado do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências, Ambiente e Sociedade (PPGEAS/UERJ).

O Coletivo de Mulheres do Salgueiro (MS) é uma instituição sem fins lucrativos. Fundada no ano de 2006, desenvolve ações de qualificação profissional e a promoção de geração de trabalho e renda, em paralelo a luta pela garantia e defesa dos direitos humanos, empoderamento feminino, justiça social e sustentabilidade. Sua origem remonta a década de 1990, quando lideranças populares do Salgueiro e de algumas creches comunitárias da cidade de São Gonçalo foram convidadas pela ONG CAMPO para elaborar uma proposta de emancipação popular por meio de um processo participativo e democrático. Esse coletivo foi integrado pelos grupos Mulher Força e Coragem, Projeto Pas, Creche do Salgueiro e Creche Estrelinha Azul e propôs “potencializar a construção de caminhos e alternativas coletivas para o protagonismo dos moradores; valorização da cultura local; justiça social e cidadania” (Guilherme, 2016, p.17). O grupo já estabelece parcerias há alguns anos com a Faculdade de Formação de Professores e se encontra em um momento importante de sistematização, organização e divulgação da produção de conhecimento a partir deste território.

A terceira instituição integrante da comunidade 1 é a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), localizada no município do Rio de Janeiro. Por meio do Grupo de Estudos em Educação Ambiental Desde El Sur (GEASur), esta universidade vem tecendo importantes parcerias com movimentos sociais e escolas de São Gonçalo. Os integrantes desta

Comunidade de prática como estratégia de extensão universitária

instituição são um professor da universidade e uma estudante de mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEdu/UNIRIO).

A comunidade de prática se estabelece à medida em que as instituições e os sujeitos nela envolvidos constroem conhecimentos juntos sobre modos de ser, fazer e agir. Sua construção se dá no encontro entre pessoas e demanda colaboração e desejo mútuo. Sendo assim, não seguimos um modelo convencional de extensão universitária com metodologia de ação previamente estruturada, porque a comunidade de prática não é estática, mas um sistema em constante transformação. Por isso, a metodologia das atividades de extensão (planejamento) e o funcionamento da comunidade de prática resultam de processos até mesmo anteriores à sua instituição.

Somos um grupo de pessoas que iniciou a parceria há 5 anos, quando identificamos a urgência dos estudantes do curso de licenciatura em biologia terem acesso aos conhecimentos sobre sustentabilidade e empoderamento feminino produzidos no contexto de movimentos sociais. A colaboração estabelecida entre a FFP/UERJ e o MS inicialmente era pontual durante as palestras ministradas para os licenciandos pela coordenadora do coletivo de mulheres, mas ao longo do tempo nossa relação foi se estruturando e no ano de 2019 constituímos de fato uma comunidade de prática. Essa se deslocou da universidade para realizar atividades diretamente na sede do Coletivo.

A comunidade de prática se relaciona diretamente com a metodologia adotada pelo movimento de mulheres, que foi adquirida no decorrer de anos de experiência, no contexto das atividades desenvolvidas, tendo como orientação os conceitos científicos de Paulo Freire. Além do trabalho pedagógico, é desenvolvida a frente de sustentabilidade econômica que promove oportunidade de trabalho e renda para as mulheres da região, mais especificamente, na produção de bolsas e roupas a partir de materiais descartados. Assim, atua diretamente no gerenciamento de resíduos sólidos e aplica os conceitos de economia criativa nas suas produções. Nesse contexto de formação pelo trabalho, as práticas educacionais têm o objetivo de fazer com que o processo de aprendizagem seja construído coletivamente, contribuindo com a conscientização das mulheres. De acordo com Freire (2019, p.42), “assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto.”.

Isso significa, em relação às parcelas desfavorecidas da sociedade, levá-las a entender sua situação de oprimidas e agir em favor da própria libertação, construindo novos saberes e significados acerca da realidade onde estão inseridas para que se tornem sujeitos de suas próprias histórias.

Comunidade de prática como estratégia de extensão universitária

Por meio da experiência acumulada pelo Coletivo de Mulheres e pelos professores e estudantes das universidades, identificamos o diálogo (na perspectiva freireana) como o conceito comum para orientar o trabalho pedagógico da comunidade de prática 1. Na perspectiva freireana, diálogo é compreendido como um “encontro amoroso dos homens que mediados pelo mundo, o ‘pronunciam’, isto é, transformam, e transformando-o, o humanizam para a humanização de todos” (Freire, 1985, p.43). O Humanismo, longe de ser abstrato ou piegas, que constrói uma imagem de homem ideal e universal, deve rejeitar manipulação e violação cultural. Nas palavras do autor “humanismos que, recusando, tanto o desespero quanto o otimismo ingênuo, é, por isto, esperançosamente crítico” (Freire, 1985, p.74).

Diante do exposto, esclarecemos que a construção de nossos objetivos comuns se deu a partir de diálogos realizados em reuniões periódicas e do aprofundamento dos laços entre as pessoas do grupo. Até o momento os objetivos da comunidade de prática são: (i) organizar e divulgar o conhecimento produzido na comunidade de prática e no Coletivo, e (ii) formar a juventude local e participantes do Coletivo a partir de oficinas e outras dinâmicas. Estes se converteram em um planejamento de eixos organizadores de ações:

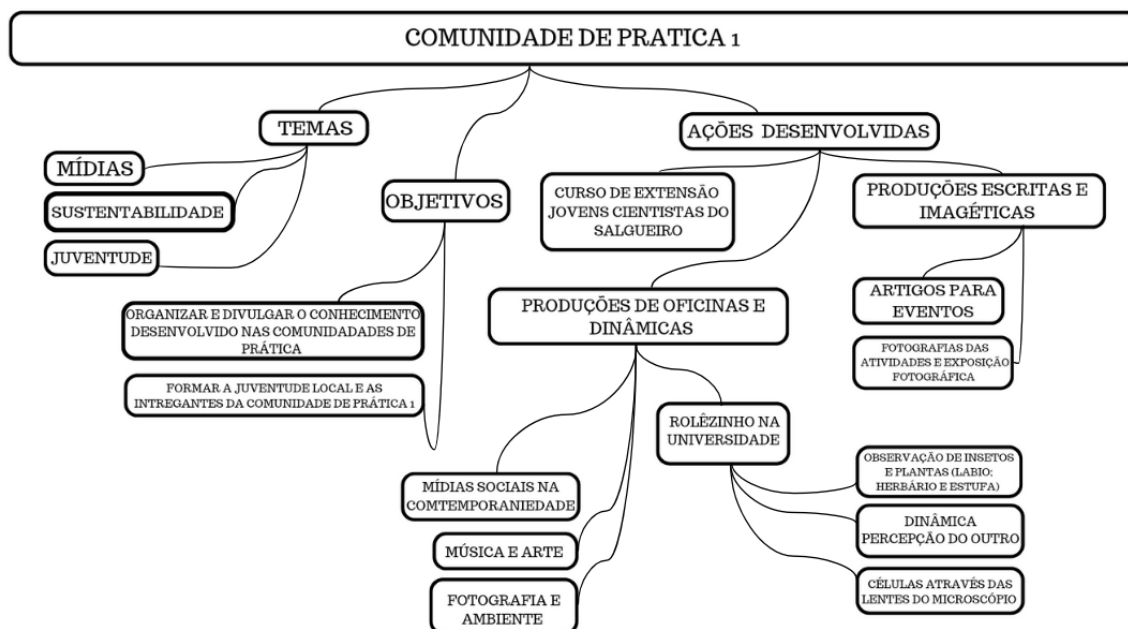
- Promoção de oficinas e dinâmicas: ocorrem preferencialmente na sede do coletivo, versando sobre temas definidos pela comunidade de prática e que se relacionem com o território, a saber: mídias sociais, sustentabilidade e juventude.

- Produções escritas e imagéticas: criação e auxílio no gerenciamento de redes sociais para o movimento de mulheres, redação de textos para publicação de artigos em eventos, livros e/ou revistas e produção de um livro eletrônico contendo as narrativas das participantes do coletivo. As últimas atividades têm relação direta com o desenvolvimento de duas dissertações de mestrado.

- Desenvolvimento de ferramenta de controle de resíduos: conhecimentos básicos de informática para desenvolver uma planilha no Excel que possa ser constantemente “alimentada” pelas mulheres do movimento social, gerando dados que ajudam na divulgação e visibilidade do projeto, bem como, servem de base para a produção de pesquisas de monografia. Esta ação ainda não foi desenvolvida porque o foco inicial esteve nos dois eixos acima descritos.

Os eixos em desenvolvimento se desdobraram em ações que serão relatadas e discutidas na sequência e podem ser conferidas no mapa (Figura 2) a seguir:

Figura 2: Mapa síntese das atividades da comunidade de prática1 “FFP/UERJ + Mulheres do Salgueiro + UNIRIO”



Fonte: elaborado pelas autoras.

RESULTADOS E ANÁLISES

Até o presente momento realizamos reuniões para comunicação do andamento do trabalho, identificação dos problemas e apontamento de soluções; além de oficinas, rodas de debates, dinâmicas, visitas guiadas, escrita de textos e registros fotográficos de todas as ações. Participou das atividades um grupo diverso de pessoas, dentre professores, estudantes universitários, membros do Coletivo e demais moradores do Complexo do Salgueiro – sobretudo jovens. Nesta seção relataremos e discutiremos as ações a partir do eixo “Promoção de oficinas e dinâmicas”, a saber “Rolézinho”, “mídias sociais na contemporaneidade”, “música e arte” e “fotografia e ambiente”.

As ações desenvolvidas nesse eixo oportunizaram o deslocamento dos integrantes da comunidade de prática entre as instalações da FFP/UERJ e as instalações do Coletivo. A ação denominada de “Rolézinho”, foi assim chamada para fazer uma alusão às ocupações que jovens de periferia fizeram em shoppings, parques e lugares públicos em meados dos anos 2018, reivindicando o direito a ocupar tais espaços. Na ocasião a presença de jovens pretos de periferia

Comunidade de prática como estratégia de extensão universitária

nos shoppings revelou desigualdade econômica, conflito racial e opressão, mas também um retrato da sociedade de consumo, em que somos identificados e nos identificamos a partir do que podemos comprar ou não. Em relação à ocupação da universidade por jovens pretos de periferia, a proposta cria uma identificação deste grupo com este espaço, em geral, ocupado por pessoas brancas. Com essa finalidade, construímos três momentos, que foram: (i) uma dinâmica intitulada “Percepção do Outro”, (ii) a visita ao laboratório de botânica e ao herbário, e (iii) a visita ao laboratório de biologia celular. Essas atividades buscaram reflexões sobre o modo como percebemos o que está ao nosso redor e ao fato de a percepção não ser apenas algo ligado à capacidade de enxergar, mas de dar sentido a tudo que nos cerca.

Na dinâmica “Percepção do outro”, o objetivo era contribuir efetivamente para reforçar a importância dos aspectos relacionados à autopercepção, à percepção do outro e à diversidade. Foi um convite à reflexão sobre como concebemos o outro, promovido por uma “brincadeira” na qual duas pessoas se observam, fecham os olhos e, após alterarem algum acessório a ser descoberto pelo outro, se olham novamente. Essa atividade foi realizada pelos jovens, pelas educadoras do Coletivo, pelas professoras da universidade e pelos estudantes de graduação e mestrado, ou seja, por todos os integrantes da comunidade. Algumas duplas apresentaram dificuldade para localizar a mudança, e algumas pessoas não conseguiram identificar a alteração. A dinâmica provocou discussões a respeito das ideias que temos sobre o outro e sobre nós mesmos, sobre os novos conhecimentos que seriam acessados nos laboratórios de pesquisa e, também, gerou boas risadas, desconstruindo o clima de tensão dado pelo encontro entre pessoas com leituras de mundo distintas.

Esse exercício proporcionou um deslocamento na relação dos sujeitos com o objeto de conhecimento, uma vez que passamos do primeiro nível de interação, o emocional, para o segundo nível, o estado mental. Assim, as risadas e as brincadeiras a respeito do que somos capazes de perceber foram reelaboradas coletivamente por meio da discussão e reflexão a respeito do olhar. Se perceber e perceber o outro no seu aqui e agora, reconhecendo suas posições no mundo, é característica fundamental para a tomada de consciência, pois como afirma Freire (1985, p. 34) “A percepção parcializada da realidade rouba ao homem a possibilidade de uma ação autêntica sobre ela.”.

A dinâmica foi centrada em apenas um dos sentidos, a visão, o que gera uma limitação para a participação de pessoas com baixa visão ou cegas, assim como para o uso dos diferentes sentidos ao estabelecermos relações com os objetos de conhecimento e as pessoas. Sendo assim, os leitores desse artigo que se sentirem inspirados a realizar algo semelhante, devem levar em consideração a limitação apontada e a possibilidade de avançar em outras direções.

Comunidade de prática como estratégia de extensão universitária

Em seguida, os participantes visitaram o Laboratório de Biodiversidade (LaBio), onde puderam conhecer e manipular lupas e microscópios para a visualização de plantas e insetos, ainda trabalhando a percepção de outros seres vivos. O uso da mediação visual no ensino de ciências resulta da própria natureza de sua produção, especialmente na biologia, “uma vez que os conhecimentos dessa área estão muito relacionados à percepção visual, verificação das características e categorização com base naquilo que se observa visualmente” (Primo; Pertille, 2022).

De acordo com esses autores, uma forma de promover a inclusão de pessoas cegas é a linguagem oral e escrita, com ênfase nas descrições detalhadas dos aspectos visuais que constituem os conteúdos e os materiais. Sendo assim, uma alternativa para a atividade proposta é a descrição detalhada dos equipamentos acompanhada do toque para explorar as suas partes e funções. Em relação aos exemplares, o toque não é permitido, o que demanda a criação de modelos didáticos tridimensionais para acompanhar a descrição.

Posteriormente, foi realizada a visita guiada à estufa e ao Herbário da FFP/UERJ, que conta com uma coleção de plantas coletadas na Mata Atlântica do estado do Rio de Janeiro. Nesse momento da visita foi possível utilizar, além da visão, o toque e o olfato como formas de interação com e de interpretação dos objetos de conhecimento. As visitas a esses espaços foram mediadas pelo professor de botânica do Departamento de Ciências da FFP/UERJ, com o apoio de seus estagiários, e a partir do estabelecimento de dinâmicas voltadas para o protagonismo dos jovens. Durante as ações, o professor responsável perguntou aos participantes sobre os seus desejos em relação à carreira profissional e relatou a sua trajetória como morador de São Gonçalo, desde a infância até os dias atuais, o que gerou identificação com o grupo. Na sequência, contou sobre a história da instituição, onde atua como docente há vinte anos, e propôs uma análise taxonômica de insetos e plantas por meio da identificação de padrões, tais como: cores, formatos, tamanhos, entre outros aspectos. Como resultado identificamos o engajamento dos estudantes com a análise de padrões e a sensibilização para a carreira científica.

Por último, ocorreu a oficina “A célula através das lentes do microscópio”, onde os jovens, os estudantes de graduação e as educadoras do Coletivo observaram células utilizando microscópio óptico. Esse momento foi coordenado e executado pela professora de Biologia Celular do Departamento de Ciências da FFP/UERJ, com ajuda de seus bolsistas e voluntários, que já realizam a oficina em parceria com diversas escolas da região de São Gonçalo desde o ano de 2013. Durante a oficina os participantes se surpreenderam com o experimento de extração de DNA, a observação de células de casca de cebola e uma atividade prática sobre escala, utilizando papel milimetrado e régua. Assim, de modo prático e dialógico foi desenvolvida a noção das

Comunidade de prática como estratégia de extensão universitária

dimensões microscópicas e macroscópicas dos objetos analisados. Cabe destacar novamente que a adaptação para pessoas cegas e com baixa visão pode ser realizada por meio do uso de materiais tridimensionais e descrição oral dos objetos de conhecimento.

Outras três oficinas aconteceram na sede do Coletivo em diferentes ocasiões. A primeira, intitulada “O uso de mídias sociais na contemporaneidade como estratégia de divulgação do conhecimento”, foi conduzida pelos estudantes do curso de Licenciatura em Biologia. A oficina foi uma demanda colocada pela coordenadora do MS quando questionou sobre o uso das redes sociais na construção de verdades sobre os movimentos sociais. Como desdobramento propusemos uma oficina cujo objetivo foi debater sobre os usos de redes sociais e as suas influências na construção de sistemas de crenças, valores e identidades, e na divulgação de *fake news* e de conhecimentos confiáveis. Durante a sua realização construímos um perfil no Instagram para o Coletivo com o intuito de dar visibilidade e divulgar, por meio de imagens e textos, o trabalho realizado e o conhecimento produzido sobre empoderamento feminino, sustentabilidade e economia criativa.

A segunda oficina realizada foi sobre música. Nela, os presentes puderam aprender um pouco sobre a história musical de São Gonçalo e do professor e musicista, também morador do município. Ao longo das dinâmicas propostas pelo professor foram trabalhadas noções básicas sobre o uso de diferentes instrumentos de samba e a história e a importância do samba na sociedade. Além desse momento de aprendizagem, houve espaço para cada um contar sua história e sua relação com a música, proporcionando aproximação entre todos os participantes.

Essa oficina contribuiu para resgatar a relação das produções culturais, especificamente do samba, como resistências locais ratificando os modos de ser e agir de alguns grupos culturais, forjando suas identidades. Possibilitou aos participantes reinterpretar o samba a partir de conhecimentos sobre história da música, identificando-o como uma produção cultural de pessoas posicionadas socialmente, inclusive perseguidas e apontadas como marginais em determinadas épocas.

Já a terceira oficina, intitulada “Fotografia e Ambiente”, foi realizada por uma das estudantes de mestrado. Seu propósito foi refletir sobre o meio ambiente e suas diversas formas, compreender a interdependência entre elas, e explorar o papel das fotografias e imagens no ensino de ciências e na reflexão sobre o território que se ocupa. Além disso, visava ressignificar o uso das redes sociais e a leitura de imagens como uma habilidade que ultrapassa a mera visualização. Cabe aqui ressaltarmos a oportunidade de trabalhar a descrição do ambiente como orientação para a produção fotográfica.

Comunidade de prática como estratégia de extensão universitária

As condições de realização dessa oficina trouxeram desafios para tomadas de decisões durante a ação, pois nem todos os participantes possuíam um aparelho de celular para a captura das imagens, e o projetor não funcionou. Diante disso, o grupo optou por construir fotografias em duplas ou individual, com o empréstimo do celular e solucionou a projeção dos slides sentando-se em círculo para que todos pudessem visualizar imagens indispensáveis na tela do computador.

Inicialmente, foram abordadas as noções de ambiente e as suas diversidades de interpretações e sentidos, apontando aos participantes a necessidade de estarem atentos não só às palavras, mas também aos sentidos associados a elas. Os jovens foram incentivados a refletir sobre como as imagens são selecionadas e produzidas, quais elementos as compõem, os instrumentos utilizados, o que representam para a sociedade e a importância de sermos alfabetizados para a sua leitura.

Em seguida, foi exemplificado como a questão ambiental e seus impactos estão presente em propagandas e mídias. Trouxemos o exemplo das *fake news* e estimulamos os participantes a construir, questionar e investigar a respeito do ambiente que ocupam, pensando também na relação existente entre os indivíduos e dos indivíduos com os recursos naturais.

Após a conversa, foi solicitada a construção de uma foto representando “o que é o ambiente?”. Para elaboração da fotografia os participantes fizeram uso dos seus próprios aparelhos de celular ou de celulares emprestados de outros participantes e ficaram livres para circular por onde desejassem durante 15 minutos. Ao retornarem com as fotos foi pedido que justificassem o motivo pelo qual a fotografia construída representava o meio ambiente, explorando as suas concepções. Sendo assim, foram explicados segundo Sauv  (2005), os tipos de concepções sobre meio ambiente e as suas características, permitindo a análise coletiva sobre quais elementos foram priorizados em suas fotografias, os conhecimentos que trouxeram, qual concepção se encaixava melhor para cada imagem. Assim, a discussão e contextualização ocorreram com base nas realidades apresentadas pelos participantes.

Victor Toledo e Narciso Barrera-Bassols (2015, p.40) afirmam que “cada cultura local interage com seu próprio ecossistema local e com a combinação de paisagens e as respectivas biodiversidades nelas contidas, de forma que o resultado é uma ampla e complexa gama de interações finas e específicas.” Ou seja, a interação de cada cultura local com seu território é única. Ao mesmo tempo, conforme Daniel Renaud Camargo (2017, p 63), compreendemos saberes locais enquanto “elementos culturais específicos de determinada localidade que podem refletir uma relação cultura-natureza estabelecida nestes territórios”. Dessa forma, esperávamos que a discussão fosse permeada por conhecimentos locais e informações sobre o meio natural,

Comunidade de prática como estratégia de extensão universitária

sobre a forma como a comunidade se relaciona com o ecossistema e também sobre o modo como os sujeitos se percebem enquanto indivíduos e enquanto um coletivo.

Algumas coisas nos chamaram atenção ao longo do debate. Primeiramente, duas crianças que participavam da oficina tiraram fotos de si mesmos em cima de uma goiabeira. Na discussão, foi notado a partir dessa foto que os seres humanos não existem apartados da natureza. Em contraste, a maioria das fotos trazia elementos naturais como foco, tais como árvores, folhas e pôr-do-sol. Isso nos mostrou que a noção de meio ambiente por vezes ainda é atrelada à natureza pura e tão somente. Nessa interpretação, o papel do ser humano é contemplar a biodiversidade. Ora, ensaiou-se aí um debate que alcança até mesmo as esferas públicas e os órgãos ambientais!

A discussão evidenciou ainda, para além das concepções sobre o meio ambiente, os modos de interação da comunidade com o território. Foi interessante perceber que para além de descrever cada fotografia produzida, os participantes deram sentido às imagens, por meio de relatos ricos em memórias e lembranças. Por exemplo, uma foto do Maciço de Itaúna encorajou um relato sobre como há 15 anos atrás a comunidade usava aquele espaço para fins de lazer, com direito a piqueniques e saltos de parapente.

Adicionalmente, uma mesma fotografia, clicada com uma intenção, pode se desdobrar em outros discursos e emoções de acordo com quem a contempla. Foi o caso de uma fotografia do pôr-do-sol. A ideia original do fotógrafo era mostrar o sol como representante do ambiente. Entretanto, durante o debate, uma das participantes reparou no Lixão de Itaoca ao fundo. O Lixão de Itaoca, localizado no Complexo do Salgueiro, foi oficialmente desativado em 2012 e foi um espaço de moradia e fonte de renda para inúmeras pessoas, incluindo algumas fundadoras do Mulheres do Salgueiro.

Verificamos então que a oficina “Fotografia e Ambiente” explorou a memória biocultural dos participantes. Toledo e Barrera-Bassols (2015, p. 23) afirmam que “a espécie humana tem uma memória, que nesse caso permite revelar as relações que a humanidade tem estabelecido com a natureza, sua base de sustentação e referencial de sua existência ao longo da história”. Dessa forma, falamos em memórias bioculturais, isto é, memórias produzidas a partir da relação entre as culturas e o meio ambiente.

Por fim, em todas as oficinas relatadas, houve o contato com objetos de conhecimento que já fazem parte do cotidiano dos participantes, mas foram revisitados a partir de dinâmicas que oportunizaram o encontro de diversas leituras de mundo, especialmente o conhecimento sistematizado por diferentes disciplinas. Reconhecemos nas atividades o potencial para construir uma relação com os objetos de conhecimento para além da concepção baseada em crenças, em direção a uma inserção crítica na sociedade, promovida pela capacidade de “ad-mirar” o mundo.

Comunidade de prática como estratégia de extensão universitária

O ato de “ad-mirar” a realidade significa “objetivá-la, apreendê-la como campo de sua ação reflexão. Significa penetrá-la, cada vez mais lucidamente, para descobrir as inter-relações verdadeiras dos fatos percebidos” (Freire, 1985, p.31). Com essa finalidade, torna-se fundamental pensarmos os processos de mediação do conhecimento a partir dos dados contextuais, especialmente, das pessoas envolvidas nesses processos, reconhecendo suas diversidades e desenvolvendo estratégias de inclusão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do relato apresentado e considerando a articulação entre o referencial teórico da comunidade de práticas e os pressupostos teórico pedagógicos de Paulo Freire, apontamos algumas contribuições que a conformação e a dinâmica de trabalho adotada podem trazer para a extensão universitária, quais sejam:

- (i) Equacionar objetivos, metodologias e práticas de cada instituição/integrante para a produção de um projeto comum que ressignifica o termo extensão;
- (ii) Articular extensão e pesquisa de modo que a primeira não seja mero cenário para coleta de dados, mas sim um espaço de formação e empoderamento de um grupo de pessoas que pertencem a práticas sociais distintas;
- (iii) Criar espaço de formação inicial e continuada de professores e pesquisadores ancorada na realidade de grupos populares. Como afirma Paulo Freire (2019), o educador precisa ler cada vez melhor a leitura de mundo dos grupos populares com os quais trabalha. A explicação de mundo dos sujeitos abarca o entendimento de sua própria presença no mundo. As leituras de mundo, que pudemos “pescar” na oficina “Fotografia e Ambiente”, por exemplo, revelam relações culturais, sociais e políticas, além da subjetividade de cada indivíduo.

Além das contribuições encaramos diversos desafios que devem ser compartilhados, quais sejam:

- (i) Ressignificar o tempo da produção acadêmica, uma vez que este não é o mesmo de uma comunidade de prática. A prática social acadêmica, seja na pesquisa e/ou extensão, impõem demandas e prazos difíceis de serem conciliados com o andamento de uma comunidade de prática. No entanto, esse desafio nos levou a escritas coletivas.
- (ii) Deslocar um grupo de trabalho para uma região periférica demanda aprendizagens sobre o lugar, as suas dinâmicas e o reconhecimento dos sistemas de opressão que se fazem presentes, em especial, pela presença ostensiva da polícia.

Comunidade de prática como estratégia de extensão universitária

Em síntese, consideramos que diante do atual cenário do avanço do abismo da desigualdade social no país, com inúmeras tentativas de desmonte dos direitos sociais. É fundamental a consolidação de uma prática educativa que dialogue, numa via de mão dupla, entre sociedade e universidade, impulsionando a articulação de um processo de construção de novos conhecimentos, onde os saberes são diferentes e se articulam. Isso alimenta e incentiva os movimentos sociais e os sujeitos que os integram a se constituírem como sujeitos de direitos.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 8ª. Ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** - Paulo Freire 59ª ed - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

GUILHERME, Janete. **Mulheres do Salgueiro: compreendendo o papel de uma organização não-governamental**. 2016. 46 f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2022: população e domicílios: primeiros resultados / IBGE, Coordenação Técnica do Censo Demográfico**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/sao-goncalo/panorama>. Acesso em: 02 de agosto de 2024.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **MUNIC – Perfil dos Municípios Brasileiros - 2021**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/sao-goncalo/panorama>. Acesso em: 12 jun. 2020.

PRIMO, Camila Scanholato; PERTILLE, Eliane Brunetto. Ciências e Biologia para alunos cegos: metodologias de ensino. **Revista Insignare Scientia**, vol.5, n.1, jan./abril. 2022.

RENAUD CAMARGO, Daniel. **Lendas, Rezas e Garrafadas: Educação Ambiental de Base Comunitária e os Saberes Locais no Vale do Jequitinhonha**. 2017. 210 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SAUVÉ, Lucie. Educação Ambiental: possibilidades e limitações. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 317-322, maio/ago. 2005.

TOLEDO, Victor; BARRERA-BASSOLS, Narciso. **A Memória Biocultural: A Importância Ecológica das Sabedorias Tradicionais**. Expressão Popular, 2015.

WENGER, Etienne. **Communities of practice: learning, meaning, and identity**. Cambridge: University Press, 1998.

Recebido em: 27/08/2023

Aceito em: 15/08/2024